

DANIEL LINS, VIAGENS E ANTROPOLOGIA

Paulo Rogers Ferreira¹

O que te direi? Te direi os instantes.

Clarice Lispector,
Água viva, 1973.

RESUMO: Este artigo trata sobre filosofia, encontro, viagens e antropologia. Centrado em meu encontro com Daniel Lins, ele é fruto de minhas experimentações e invenções de conceitos quando estive em companhia deste pesquisador-autor.

PALAVRAS-CHAVES: filosofia; antropologia; viagens; encontro com Daniel Lins.

ABSTRACT: This article deals with philosophy, meeting, travel and anthropology. Focusing on my meeting with Daniel Lins, it is the fruit of my experimentations and inventions of the concepts when I met this author.

KEYWORDS: philosophy; anthropology; travels; meeting with Daniel Lins.

Encontrar-se com Daniel Lins é a cada instante. Este artigo trata da captura de intensidades quando estive em viagens e em trabalho etnográfico pelo Brasil e pelo Canadá rural com este pensador-pesquisador. Autor de inúmeros livros e artigos em filosofia, arte e literatura, escrever

¹ Antropólogo, doutor em antropologia pela Université Laval, Canadá. E-mail: pferreira76@gmail.com

sobre Daniel me remete novamente aos cheiros, aos sabores, aos suores, ao sol que experimentamos pelo Brasil e pelo Canadá adentro. Sendo assim, este artigo explode em sensações, errâncias e veredas quando do meu encontro com Daniel Lins. Em um eterno retorno do nosso encontro, em que o que retorna é sempre o que difere, traçarei itinerários sem porto seguro, sem chegadas, só partidas rumo ao arrepio do que se experimenta.

1. DA ANTROPOLOGIA

Os primeiros encontros com Daniel Lins se deram durante meu trabalho de campo (etnografia) pelo sertão nordestino. Com ele, parti algumas vezes de Fortaleza em ônibus intermunicipal rumo ao vilarejo cearense de Goiabeiras², vilarejo de 5000 habitantes localizado a 423 km da capital do Estado, este que era o escolhido para minha pesquisa monográfica, em que Daniel proporcionava, durante o trajeto, a alegria e o experimento da filosofia deleuziana, alegria esta embalada em conversas descontraídas. Instantes intensos de conversa em que a caatinga cearense, branca e cinza, tomava, pouco a pouco, a paisagem como um todo.

A caatinga nos dava o beijo de boas-vindas. Em sol encarnado, chegávamos ao vilarejo sob esta miscelânea particular de cores. No trato do tema de minha pesquisa etnográfica, encontros sexuais grupais e cosmologia amorosa³ dos habitantes do vilarejo em moitas, sobretudo, homens, estas moitas que eram chamadas por eles de *moitéis* e que produziam uma ética e uma estética dos afetos. Como antropólogo, experimentei nestes rituais, com a presença de Daniel, o nomadismo do pensamento, pois conceitos e teorias iam se deslocando ao sabor dos instantes em que Daniel acrescentava o diálogo com conceitos filosóficos provindos de Nietzsche, Spinoza e Deleuze em experimento da “filosofia” dos nativos⁴. Tudo nestes rituais sexuais era sempre provisório, apressado, como é a vida quando se experimenta os *moitéis* de Goiabeiras. E Daniel, em *intermezzo* com a filosofia, a antropologia e a alegria, também proporcionava o “choque” no contato com a “filosofia local”, “choque” aqui no sentido proposto por Roy Wagner.

² Nome fictício para preservar o local de pesquisa.

³ No trato da especificidade desta cosmologia amorosa, homens evitavam ejaculação em meio a estes circuitos para poder ter uma infinidade de encontros em um único dia com vários parceiros.

⁴ Trata-se de conceitos como *corpo receptáculo* (de esperma) em que homens evitavam ejacular para continuar a experimentar outros homens em moita em um único dia. Outro conceito seria o de *moitéis*, local improvisado no meio da caatinga (vegetação local) em que os nativos torciam galhos de jurema formando assim uma espécie de quarto improvisado para os encontros.

É Wagner (2010) em sua antropologia inversa que apresenta o resultado da relação do contato entre antropólogo e o nativo. Argumentando que os nativos são passíveis de elaborar conceitos tão sofisticados quanto o antropólogo, este autor aponta como o “choque” no contato entre antropólogos e nativos produz um novo ponto de vista que não é mais o do antropólogo, muito menos o do nativo, mas um novo ponto de vista que vai acontecendo entre os dois (produção de uma perspectiva outra). Ora, a presença de Daniel Lins produziu este *intermezzo*, seja na relação com os nativos, quando a “filosofia local” entrava em contato com o pensamento filosófico de Nietzsche, Spinoza e Deleuze, filósofos caros para Daniel, seja quando de nossas conversas, entre Daniel e eu, após o intercuro nas moitas (trabalho de campo). Dito de outra maneira, abria-se um leque de questões filosóficas, sobretudo, associadas à filosofia deleuziana em que conceitos como *devir*, *acontecimento*, *corpo sem órgãos* e *rizoma* eram confrontados, deslocados e experimentados pelo “choque” de perspectivas entre a perspectiva filosófica de Daniel, dos nativos e meu estilo de antropologia produzindo assim, como resultado, um pensamento nômade, isto é, um pensamento sempre em deslocamento do que poderia ser ou do que é para algo que só pode ir acontecendo no “calor da hora”, em que Daniel, pensador-pesquisador dos deslocamentos de conceitos e de ideias, foi um dos facilitadores.

Suores e espinhos rasgavam teorias e filosofias, inventavam outras, abriam para uma nova perspectiva em improviso que acontecia pela intensidade dos instantes nestes rituais singulares. Homens sertanejos em coito cambaleante em moitas cuja linguagem era a dos sussurros, cujos corpos recebiam unhas da caatinga, cujo cheiro se confundia com a vegetação, cujo pensamento era o experimento-vida em curso. Cheiro também de roupas sempre bem engomadas de sertanejos assíduos. Como fazer então destes rituais um nomadismo de pensamento? Como deslocar a antropologia e a etnografia forçadas pelo que acontece no arpejo dos instantes em moitas? Com a presença de Daniel Lins tudo isso ganhava o tom de um pensamento nômade, pois Daniel convidava o pensamento de Nietzsche, Spinoza e Deleuze a experimentar também as moitas em um nomadismo de conceitos (deslocamento em *n* velocidades) para o confronto de conceitos outros (os dos nativos em sua cosmologia amorosa em moita) e da própria antropologia (por exemplo, o conceito de *pessoa*). Dito de outra maneira, conceitos de Nietzsche, Spinoza e Deleuze como *vontade de potência*, *ética dos afetos* e *rizoma* eram experimentados e transformados pelo deslocamento proveniente da própria vida que pulsava em moita.

É Jeanne Favret-Saada (2005) que argumenta sobre a intensidade dos instantes e o sentido em etnografia. Para a autora: "Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assumo o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada" (Favret-Saada, 2005: 160). Ora, com a presença do nomadismo de pensamento de Daniel Lins em campo, deslocando conceitos filosóficos de Nietzsche, Spinoza e Deleuze em contato com uma "filosofia" outra (dos nativos), isto é, com o deslocamento e a invenção de novos conceitos provenientes do que se experimenta em moitas, produziu assim um "choque cultural" (Wagner, 2010) em que o próprio conceito de presença de um único aporte conceitual ganha uma outra dimensão, pois é o agenciamento do que se passa durante o percurso nestes encontros em moitas que ganha a força da ausência de qualquer preferência conceitual em meio ao "choque de conceitos" para adentrar o que Maurice Blanchot (2013) conceitua como a "comunidade de acéfalos". Neste sentido, Blanchot discorre: "A comunidade de *Acéphale*, na medida em que cada membro portava não mais a única responsabilidade do grupo, mas a existência da humanidade integral, não podia se cumprir em só dois de seus membros, já que todos tinham nele uma parte igual e total." (Blanchot, 2013: 27). Dito de outra maneira, os conceitos nasciam e desapareciam para nascerem outros nos instantes que nos tornávamos (Daniel, os nativos e eu) "acéfalos", espécie de corpos sem órgãos, quando daqueles rituais em moitas. Independente de cada homem ali presente, um todo, o *feeling* do momento, se apresentava como o produtor de um pensamento errante, "acéfalo", que se formava e se dissipava no contorcer de corpos e de ideias quando do experimento de um todo provisório.

Sendo assim, estes primeiros encontros com Daniel Lins, quando do meu trabalho etnográfico no sertão nordestino, produziu este estranho movimento de errância de conceitos causado pela liberdade que Daniel tem de deslocar conceitos e, sobretudo, pelo seu acréscimo de pensamentos filosóficos como os de Nietzsche, Spinoza e Deleuze em meio ao "choque conceitual" que se apresentava com a "filosofia" nativa, produzindo assim uma singularidade conceitual: o resultado deste encontro entre Daniel, os nativos e eu em moitas como um novo ponto de vista conceitual, este que vai se construindo sem cessar durante o percurso dos eventos. Instantes em que o pensamento só acontece em deslocamento de si mesmo para a invenção do nomadismo de pensamento, de corpos sem órgãos, de conceitos outros, de uma busca por uma paragem no improvisado.

2. DO GOIÁS

Meu segundo encontro com o pensamento nômade de Daniel Lins se deu no Goiás em 2008. Mas uma vez embarcávamos em viagem. Desta vez, uma pequena cidade goiana de 20 mil habitantes. Ali experimentamos instantes intensivos sempre produzidos pela cosmologia amorosa local⁵ confrontada com o aparato conceitual que trazíamos da experiência anterior no sertão nordestino. Em encontros intensos, homens e mulheres narravam suas economias amorosas e experimentávamos assim uma variância de sensações, de entendimento sobre paixão e sensação, isto é, sobre ética e estética dos afetos. No Goiás rural, os *moitéis* eram chamados de *matéis*. Homens e mulheres que também experimentavam as matas (moitas) em encontros sexuais coletivos, experimentavam também encontros amorosos em bares, casas e em trilhas que levavam as cachoeiras locais. A vida explodia.

Com Daniel, o pensamento se deslocava mais uma vez na velocidade dos instantes. Autores como Nietzsche, Spinoza e Deleuze que já haviam sido experimentados no “choque conceitual” no sertão nordestino ganhavam novos deslocamentos em meio a cosmologia amorosa de homens e mulheres goianos. Conceitos como *vontade de potência*, *dever*, *alegre saber*, *agenciamento*, *nupcia entre dois reinos* ganhavam o sabor goiano, isto é, trabalhadores das pedreiras locais nos apresentavam a possibilidade de deslocar conceitos por meio da singularidade de uma cosmologia amorosa experimentada em casas, em trilhas pelas cachoeiras, em encontros sexuais e afetivos entre mulheres e homens do vilarejo⁶. Dito de outra maneira, trabalhadores das pedreiras que experimentavam seus corpos que amoleciam do duro trabalho pelo encanto e fascínio de encontros sexuais outros, suados, intensos, amorosos em casas ou em *matéis* em uma profunda ética e estética da amizade, tornavam-se assim homens fiéis a terra no sentido proposto por Zarathustra em Nietzsche: “Exorto-vos, meus irmãos, a permanecer fiéis a terra e não acreditar em que vos fala de esperanças supra-terrestres” (Nietzsche, 2002: 25). Ora, tudo era no aqui e agora dos instantes, das sensações, dos encontros intensivos em meio ao sertão goiano. Terra e não céu. Geografia e não história. Corpos que faziam acontecer um mundo sem projeção para o futuro, sem dúvida, sem

⁵ No trato da cosmologia amorosa no Goiás, homens improvisavam encontros em bares, casas, trilhas e nos *matéis* para viver intercursos sexuais intensos.

⁶ No trato do Goiás, conceitos como *corpo amolecido* de homens duros em que trabalhadores das pedreiras, estes que tinham contato com um trabalho “para homens” tinham seus corpos amolecidos por mulheres e homens quando dos encontros sexuais, isto é, um corpo aberto, frágil ao imprevisto dos instantes. Outro conceito era o de *matel*, local improvisado na vegetação nativa (cerrado) em que homens e mulheres tinham intercursos sexuais fazendo da vegetação uma espécie de quarto improvisado.

culpa. Uma cosmologia afetiva que nascia nos arrepios dos instantes, no que ia acontecendo, sempre provisória, sempre em invenção. Como pensar um pensamento nômade nestes deslocamentos conceituais provenientes de viagens, de etnografias, de encontros outros com conceitos outros provenientes de deslocamentos geográficos de afetos e de pessoas? A presença de Daniel Lins nesta viagem era o próprio curso.

3. DO CANADÁ RURAL

Situo o terceiro encontro do meu experimento com o pensamento nômade de Daniel Lins no Canadá rural, mas especificamente no Quebec rural durante o final de outono de 2015. Em viagem a um vilarejo da região, vilarejo de 2500 habitantes localizado a 130 km da capital da província, a cidade de Quebec, Daniel deslocava o conceito de “*último copo*” proveniente de seu encontro filosófico com Gilles Deleuze e outros autores franceses e americanos, deslocamento este produzido pelo “choque conceitual” com o conceito de *excesso* dos que bebem álcool no vilarejo investigado. Ressalto que a invenção de uma “filosofia do excesso” pelos nativos era o tema de minha pesquisa doutoral. Assim, Daniel, naquela viagem pelo Canadá rural, acrescentava o conceito de “último copo” de Gilles Deleuze (ver Abecedário, B como Bebida) como uma força positiva, ativa sobre o conceito de *excesso*. Ora, tudo que excede é proveniente da vida e não da métrica da moral canadense⁷. No Canadá rural, o pensamento nômade de Daniel acrescentava velocidade, isto é, o beber deixava de ser apressado para ganhar o movimento necessário da prudência para não afugentar os devires em que Daniel acrescentava longas conversas filosóficas no curso do beber social. Homens e mulheres que produziam uma “filosofia” local sobre o beber entravam em diálogo com o nomadismo conceitual de Daniel sobre o “último copo” de Deleuze. Como deslocar o pensamento tornando-o ainda filosofia? Ora, Daniel produzia este deslocamento quando faz girar conceitos filosóficos como o “último copo” de Deleuze em diálogo com o conceito local de “última cerveja”⁸. Ele acrescentava a minha pesquisa doutoral uma singularidade na diversidade de um beber que se encaminhava para o *feeling* do momento no curso do beber social.

⁷ Para a sociedade canadense dos bons costumes, três copos de álcool por dia é considerado “sociável”. Acima disso, trata-se de um consumo excessivo.

⁸ Há diferença conceitual entre o “último copo”, conceito deleuziano, e a “última cerveja”, conceito dos habitantes do vilarejo investigado. Para Deleuze, bebe-se em grupo com seu próprio poder de parar de beber quando se quer. O autor fala de uma “avaliação marginalista” de cada sobre os limites de sua própria quantidade de álcool consumida em grupo. No caso do conceito de “última cerveja” dos habitantes do vilarejo investigado, continua a beber porque o único poder que existe é o do *feeling du moment* (conceito local) e não de uma “avaliação marginalista” de cada um. Sobre o aprofundamento desta diferença conceitual, ver FERREIRA, Paulo Rogers. *Ce qui nous rassemble autour de la “dernière*

Exceder, exceder... eis o ímpeto de vida provocado pelos que bebem. Exceder, exceder (seus) conceitos... eis o ímpeto de vida provocado por Daniel quando de sua chegada no vilarejo em experimento e deslocamento nômade dos conceitos nativos. A etnografia e uma filosofia do improviso só são possíveis quando deste “choque conceitual”, quando o pensamento (ou os conceitos) se tornam errâncias sempre em desenvolvimento, sempre em acabamento. Saber órfão, pois sem origem precisa, sempre no meio do percurso dos encontros. Ora, O beber excessivo no Canadá rural era esta variância necessária sobre o que vai se (de)formando nos excessos, este “choque conceitual” em que Daniel proporcionava um retorno ao que difere do conceito de “último copo” de Deleuze.

4. DO NOMADISMO DO PENSAMENTO AO PENSAMENTO NÔMADE DE DANIEL LINS

Escrever sobre Daniel Lins, experimentá-lo, é sentir a errância de conceitos. É se deslocar em grandes caravanas de ideias em que o pensamento ganha a velocidade dos nômades, daqueles sem paragens em que pensar é engendrar velocidades. Durante estas três viagens aqui citadas, pude experimentar um autor, no caso Daniel, que é capaz de transformar conceitos nietzschianos, spinozianos e deleuzianos em um eterno diferir conceitual, em uma transformação a cada novo contato com os nativos, a cada novo encontro com o que se vive, em um “choque conceitual” proporcionado pela necessidade de contato, pois trata-se de um autor aberto ao novo, ao que vai acontecendo nos encontros, nas viagens e até mesmo no que vai acontecendo quando estamos parados, pois a velocidade de deslocamentos conceituais em Daniel acontece também em uma mesa de bar, seja no Brasil, seja no Canadá! Daniel propicia este *intermezzo* de velocidades, de deslocamentos. Do nomadismo de pensamento ao pensamento nômade, encontra-se neste autor uma geografia das sensações, traços cartográficos de conceitos perpassados pelo improviso que é a própria vida. Como expor o pensamento nômade de Daniel? Experimentando-o. Este artigo ganha sentido quando se experimenta este autor em sua variância.

“Correr, correr, correr para as moitas”, diziam os nativos do sertão nordestino. “Exceder, exceder para a vida”, ressaltavam os que bebem no mundo rural canadense. “Produzir, inventar, deslocar e experimentar conceitos”, afirmava Daniel. “Choques conceituais” que acontecem por

bière: *vivre le feeling du moment en Beauce* (Quebec). Tese doutoral, Departamento de Antropologia, Université Laval, 2016, sob site: <http://theses.ulaval.ca/archimede/meta/32678>

necessidade de inventar no improviso um sem mundos para poder experimentar todos os mundos em um nomadismo de conceitos.

Experimentar e sentir a invenção do pensamento nômade de Daniel Lins é, sobretudo, compreender que conceitos se fazem e se desfazem quando do confronto com a própria vida. Conceitos que surgem neste ir seguindo. Conceitos sempre inacabados, roubados, traídos, acrescentados por um autor que só escreve se deslocando do já pensado para o ir pensando. Do nomadismo de pensamento ao pensamento nômade, a vida pulsa quando este autor faz de sua própria vida, e de seu próprio corpo, experimento do ir inventando.

A antropologia em Daniel se transforma assim em uma *ciência nômade* ou itinerante inserida em uma ética e uma estética da existência (Lins, 2005). Aquela que acontece nestes contatos de viagens que deslocam tudo que se havia pensado pelo improviso dos instantes. Uma *ciência* sem porto seguro que adentra o conhecimento por uma geologia do aqui e agora. Como fazer deste artigo puro experimento? Como adentrar um autor que fez de sua própria vida, arte e deslocamento? Este artigo não procura uma conclusão ou um retrato de um autor, muito menos uma biografia. O que se escreve aqui é bio.

O pensamento nômade só é possível no aberto. Naquilo que não diz nem sim, nem não, mas que vai adentrando o conhecimento em um improviso de frases. E rimos. Rimos daquilo que não diz nem sim, nem não. Em viagem, estamos perdidos de antemão. Ora, o pensamento nômade só pode ser no improviso, naquilo que torna a impossibilidade de uma confirmação em definitivo.

Fazer do pensamento profundo deslocamento, mesmo parado. Fazer da vida a abertura ao sem mundo para viver todos os mundos possíveis. Adquirir um alegre saber ou um saber órfão de origens, de chegadas. Daniel Lins é só partida rumo ao que ainda não se conhece. Eis o que vale a pena quando se tem a oportunidade de viajar com Daniel Lins.

BIBLIOGRAFIA

BLANCHOT, Maurice. *Comunidade inconfessável*. Brasília, EDUnB, 2013.

DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze – B de Bebida*. Programa Televisivo, 1996.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n.13: 155-161, 2005.

FERREIRA, Paulo Rogers. *Ce qui nous rassemble autour de la "dernière bière": vivre le feeling du moment en Beauce (Québec)*. Tese doutoral. Departamento de Antropologia, Université Laval, 2016.

_____. *Os afectos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas*. São Paulo: ANPOCS-HUCITEC, 2008.

LINS, Daniel. Manguê's school ou por uma pedagogia rizomática. Campinas. *Educ. Soc.* Vol. 26, n.93, p. 1226-1256, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo, Martins Claret, 2002.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo, Cosac Naify, 2010.